



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



Nossas vidas importam

Hallana Moreira Ramalho Costa

A escolaridade e as origens da minha família

Sou preta, brasileira, nascida e criada no Distrito Federal e filha da classe trabalhadora. Durante a infância e a adolescência tive muitas referências positivas de pessoas pretas, as quais, apesar da desigualdade e dos impedimentos do racismo, não aceitaram a marginalidade como única opção. Minha mãe, Eridan Moreira de Azevedo, é uma delas. Trabalhou desde os 12 anos. Aos 19 anos se tornou auxiliar de serviços gerais na Secretaria de Educação. Precisou parar o ensino médio e só conseguiu concluí-lo aos 23 anos. Casou-se com meu pai, João Ramalho, com quem teve duas filhas, eu e minha irmã Hislla. Apesar das dificuldades, ambos construíram o melhor ambiente possível para nos proporcionar uma boa estrutura e priorizar nossos estudos.

Devido ao esforço repetitivo no trabalho, minha mãe desenvolveu problemas de saúde e foi readaptada para outro setor. Há oito anos ela trabalha como bibliotecária numa escola pública e está prestes a se aposentar. Embora não tenha tido oportunidades suficientes, sempre colocou a educação como prioridade e não desistiu de estudar. Aos 47 anos se formou em Gestão Pública e depois fez uma nova graduação em Teologia. Atualmente ela faz trabalho voluntário na igreja que frequenta.

Meu pai é aposentado e trabalhou na construção civil como mestre de obras. Também só completou o ensino médio depois dos 20 anos. Maranhense que rodou pelo Brasil, é um homem tão engenhoso que construiu a própria casa. Participou de sindicatos e sempre foi atento e muito crítico ao que acontece na política. Inclusive, foi com ele que aprendi sobre a luta de classes. Estava sempre cansado por causa do trabalho pesado, mas não nos deixava esquecer de que éramos capazes de conquistar espaços importantes por meio do estudo.

Minhas avós, Benedita Francisca e Maria Raimunda, também são maranhenses. Mães de muitos filhos, trabalharam como empregadas domésticas e não tiveram muita formação escolar, o que não anulou o potencial delas para que se tornassem mentes brilhantes. São mulheres pretas incríveis, cheias de sabedoria. Desejo que sejam agraciadas com a vida até completarem mais de cem anos.

Dona Benedita Francisca, mãe do meu pai, é uma das pessoas mais sábias e instruídas que já conheci. Aos 87 anos, ela ainda lembra de detalhes da infância, vivida em um povoado no interior do Maranhão, e faz questão de praticar a escrita e a leitura. Estudou apenas

até o quarto ano do fundamental e tinha o sonho de ser professora, mas não conseguiu realizá-lo pois teve que trabalhar na roça. Sempre que tem oportunidade, ela conta com orgulho que, na sua adolescência, por ser uma das poucas pessoas do povoado que sabia ler e escrever, era procurada pelos moradores para que lesse e escrevesse cartas. Embora não tenha vivido os horrores da escravidão, vó Benedita sempre compartilha as histórias dos “negros fujões” e suas cantigas. Casou-se com meu avô, Raimundo Nonato Ramalho, e teve sete filhos. Ele é piauiense e foi carpinteiro. Também se aventurou na corrida do ouro pelo garimpo da Serra Pelada (PA).

Vó Maria Raimunda, mãe da minha mãe, é uma mulher de fé e muito ativa nas atividades da igreja. Chegou em Brasília aos 14 anos e trabalhou por muitos anos como empregada doméstica. Criou onze filhos em condições de extrema pobreza. Perdeu um deles por uma doença crônica. Viveu o luto e deixou o futuro dos filhos nas mãos de Deus. Apesar da pouca instrução, soube guiá-los por um caminho mais seguro do que o da violência à qual estavam expostos. E conseguiu. Hoje, o sinônimo de realização para ela é família reunida e fartura na mesa. Contrariando todas as estatísticas, dona Raimunda se orgulha de ver seus filhos vivos e bem resolvidos.

Meu avô, Elísio de Azevedo, era carioca, amava samba e era compositor de marchinhas de carnaval. Trabalhou na construção de Brasília como eletricitista e foi casado duas vezes. Segundo minha avó, sua segunda esposa, ele era conhecido por sua beleza e seu sorriso, mas foi um pai ausente. Ele morreu com 65 anos e eu não cheguei a conhecê-lo.

Minha escolarização do ensino básico ao médio

Cresci em Santa Maria, uma cidade periférica do DF, e estudei por toda a minha vida nas escolas públicas da cidade. Tive uma educação familiar cristã e fui muito incentivada a estudar. Minha mãe sempre dizia que o primeiro marido devia ser o estudo, o segundo, o emprego e o terceiro, um caso a se pensar. Por não ter tido condições e oportunidades de investir nos estudos, ela fez o que pôde para que pudéssemos ter acesso à melhor formação possível. Por conhecer a rotina das escolas, ela monitorava nosso desempenho escolar e dizia que, por sermos negras, tínhamos que ser três vezes melhores que os brancos.

Fiz diversos cursos na rede pública de ensino. No ensino básico participei de programas e iniciativas para crianças de famílias com baixa renda, como o Programa Segundo Tempo no Sesc do Gama. Pratiquei esportes como karatê e natação, participei de concursos e competições. No ensino fundamental, minha mãe decidiu apertar o orçamento para pagar um curso de inglês. Também fiz curso de francês no Centro de Línguas de Brasília (CIL 1) e, graças a esse curso, em 2014 eu pude fazer um intercâmbio por meio do Programa Brasília Sem Fronteiras. Também fiz aulas de canto na Escola de Música de Brasília (EMB).

Porém, ter crescido num ambiente seguro não me impediu de presenciar a realidade da periferia à minha volta. Vi colegas de sala se envolverem no crime e, em todas as escolas em que estudei, vi policiais revistando mochilas para apreender drogas. Tive colegas

assassinados e vi o alto índice de gravidez na adolescência. Também passei por diversas situações de preconceito e racismo, que não faço questão de enfatizar aqui, pois elas nunca definiram quem eu sou.

Na escola onde cursei o ensino médio, CEM 404 de Santa Maria, no DF, alguns dos professores eram formados pela UnB. Eles incentivaram os alunos a ingressarem em universidades públicas e ofereceram cursos preparatórios gratuitos, dos quais eu participei.

O meu maior incentivo foi a aprovação da minha irmã mais velha na Universidade de Brasília (UnB) em 2012. Ela havia cursado o ensino médio na mesma escola que eu. A propósito, Hislla Suellen Moreira Ramalho, minha única irmã, é uma mulher preta incrível, que se supera em tudo o que se propõe a fazer. Hoje ela é professora universitária, tradutora e doutoranda em Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina.

Finalmente, lá estava eu, Hallana, na UnB

Ingressei na Universidade de Brasília em 2013, aos 17 anos, no curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA). Costumo dizer que caí de paraquedas nesse universo. Prestei vestibular na metade do terceiro ano do ensino médio para verificar se eu passaria no curso desejado. Para a minha surpresa e a dos meus pais, eu passei. Esse momento foi desafiador; tivemos que recorrer à Justiça para que eu fosse autorizada a assumir a vaga. Após uma série de processos judiciais e burocracias, conseguimos efetivar a matrícula.

Eu tinha pouco conhecimento sobre o sistema de cotas; acabei não ingressando por meio dele, mas ao longo da vida acadêmica me aprofundi nos estudos das questões raciais e de gênero. Se por um lado foi uma grande alegria passar no vestibular, para uma jovem de periferia, enfrentar os perrengues da vida universitária tão cedo foi desesperador. Tinha que pegar três ônibus para chegar no *campus* e precisei de auxílios estudantis para arcar com os gastos do curso. Por causa da longa distância, Hislla e eu tivemos que nos mudar de cidade para morar mais próximo do Campus Darcy Ribeiro e trabalhar para pagar as despesas.

No quinto semestre, descobri que me identificava com a área da Comunicação e decidi recomeçar. Migrei para o curso de Jornalismo e participei de projetos de Iniciação Científica (Pibic) voltados para os estudos de gênero e raça, dentre eles a pesquisa sobre a participação das mulheres negras no Jornalismo orientada pela professora Dione Moura. Nessa pesquisa entrevistamos jornalistas negras brasileiras atuantes no combate ao racismo dentro da Comunicação (Moura; Costa, 2020). O resumo da pesquisa foi publicado no livro produzido pelo Intercom *Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo*, que reúne uma série de trabalhos acadêmicos sobre o tema.

Em meio aos percalços da vida acadêmica, fui seguindo, às vezes devagar, quase parando, outras vezes, correndo sem parar. Tive vários momentos de desesperança e quis abandonar o curso, mas consegui chegar até o final. Faço questão de ressaltar que o total apoio dos meus pais e o acesso aos auxílios assistenciais da UnB foram fundamentais para que eu pudesse me manter na graduação. Destaco também que a mentoria e o acolhimento

de professores negros da Faculdade de Comunicação, como o professor Elton Bruno, a professora Dione Moura e a professora Kelly Quirino, me fortaleceram muito nesse processo.

Minha formatura ocorreu em dezembro de 2020, durante a pandemia da Covid-19. Em meu projeto final, analisei o enquadramento das notícias e reportagens de casos de racismo e injúria racial na imprensa brasileira a partir do caso George Floyd. A pesquisa, também orientada pela professora titular Dione Moura, traz uma revisão teórica sobre racismo estrutural e representatividade preta na mídia e um estudo de caso das reportagens sobre mortes por intervenção policial.

Por meio do levantamento de mais de 300 notícias, durante a pesquisa foi identificada uma mudança de paradigmas na abordagem do jornalismo brasileiro acerca da temática racial após o caso George Floyd (Costa, 2020). Contudo, quando não se trata de casos emblemáticos ou envolvendo figuras públicas, o enquadramento dessas reportagens continua episódico, ou seja, factual e sem aprofundamento da pauta. O enquadramento temático, considerado ideal para contextualizar o fato, não foi identificado na maior parte dos casos envolvendo mortes de pessoas negras por intervenção policial.

Em meio ao contexto caótico da pandemia de Covid-19, o trabalho me custou madrugadas e até minha saúde mental, devido ao meu alto nível de envolvimento com o tema, mas valeu a pena. A pesquisa foi indicada ao Prêmio José Marques de Melo de Estímulo à Memória da Mídia no 13º Encontro de História da Mídia. A seguir, apresento uma síntese desse trabalho.

Meu TCC (Costa, 2020) insere-se em um grupo de pesquisas desenvolvidas e orientadas pela professora Dione Moura no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB) e junto ao Programa de Iniciação Científica (Proic) da UnB. A maior parte do conjunto de pesquisas está centrada nas áreas de Comunicação/Jornalismo, a partir de uma perspectiva que destaca o papel da comunicação na redução da desigualdade racial (Nunes; Moura, 2016; Quirino; Moura, 2019; Moura; Santos, 2020).

Tendo em vista as definições de enquadramento apresentadas por Porto (2004), e com base nas concepções de Iyengar (1991) utilizadas por Quirino (2017), em minha pesquisa foram analisadas reportagens de casos de racismo envolvendo: violência contra pessoas negras em ações policiais, crimes de injúria racial e outras manifestações do racismo no cotidiano, publicadas nos sites *G1*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, de 24 de março a 25 de julho de 2020. Também foi realizada uma análise quantitativa por meio de *clipping*, técnica utilizada nas assessorias de imprensa para mensurar os resultados.

Após o caso George Floyd houve um aumento, de maneira geral, de reportagens sobre racismo, o que considero um marco para o jornalismo brasileiro em relação à quantidade de registros. Os veículos publicaram uma quantidade maior de conteúdo desse tipo nesse período do que havia sido publicado nos dois meses anteriores, quando foram divulgadas apenas 39 reportagens, somando os três veículos.

Se compararmos o atual cenário da abordagem midiática sobre o tema com o resultado apresentado pelas pesquisas de Quirino e Moura (2018, 2019) e o levantamento da Rede de Observatórios da Segurança (Ramos *et al.*, 2020), o caso George Floyd realmente gerou

impacto e ocasionou mudanças significativas na abordagem das situações de racismo nos veículos de comunicação brasileiros, que poderão se manter se a população, a mídia e a comunidade artística e intelectual continuarem firmes em denunciar esses fatos e em fomentar o debate em busca de uma política de segurança pública mais responsável e igualitária, a partir da ideia primordial de que “vidas negras importam”.

Minha carreira com o diploma da UnB e como pesquisadora

Em 2021, após a formatura, passei por um momento difícil de adaptação à nova realidade. A busca por uma oportunidade de emprego foi bem desgastante. Fiquei longe da universidade por quase um ano, e nesse período me candidatei para inúmeras vagas de emprego, mas o contexto não estava favorável. Enquanto aguardava uma oportunidade, atuei como Microempreendedora Individual (MEI) e como *freelancer* na minha área.

Após um longo período de isolamento e caos, me candidatei para o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da UnB e passei. Além disso, hoje atuo na TV Senado, na produção e publicação de conteúdos.

Digo com orgulho e certeza que passar pela universidade abriu muitas portas e ampliou não apenas os meus horizontes, mas também os da minha família. Atualmente sou mes-tranda na linha de pesquisa Poder e Processos Comunicacionais, inspirada pela querida professora Dione Moura. Estudo a abordagem do racismo na mídia brasileira. Pretendo desenvolver uma pesquisa que contribua para a mudança social e para o fortalecimento da produção acadêmica de mulheres negras.

Só tenho a agradecer a meus pais por todo o esforço e investimento que fizeram para que eu trilhasse esse caminho. Também não posso deixar de reconhecer que parte dessas oportunidades se deveram às políticas públicas e aos programas sociais aos quais eu tive acesso. Acredito que a educação empodera e capacita as pessoas para transformar realidades. Por isso, sou eternamente grata aos envolvidos no meu processo de aprendizado e por todas as vivências transformadoras que a Universidade de Brasília me proporcionou.

Sigo na luta; nossas vidas importam.

Viva a Universidade Pública!

Referências

COSTA, Hallana Moreira R da. *Caso George Floyd: uma análise do enquadramento das notícias de casos de racismo e injúria racial na imprensa brasileira*. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

IYENGAR, Shanto. The accessibility bias in politics: television news and public opinion. *International Journal of Public Opinion Research*, v. 2, n. 1, 1990, p. 1-15.

MOURA, Dione O.; COSTA, H. M. R. Mulheres jornalistas e o “teto de vidro raça/gênero/classe” a tensionar a carreira das jornalistas negras brasileiras. *In: AGUIAR, Leonel; SILVA, Marcos Paulo da; MARTINEZ, Mônica (org.). Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo*. 1. ed. São Paulo: Life, 2018. p. 193-207.

NUNES, Juliana César; MOURA, Dione Oliveira. Vivências diaspóricas em comunidades quilombolas: empoderamento, autorreflexão e novas sociabilidades na comunidade Rio dos Macacos. *Matrizes*, v. 10, p. 203, 2016.

PORTO, M. P. Enquadramentos da mídia e política. *In: RUBIM, Antonio Albino (org.). Comunicação e política: conceitos e abordagens*. Salvador: EdUFBa, 2004. p. 73-104.

QUIRINO, Kelly. *Enquadramentos e advocacy sobre o genocídio de jovens negros: análise da cobertura da Folha de S.Paulo*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de Brasília, 2017.

QUIRINO, Kelly; MOURA, Dione O. Enquadramento jornalístico do genocídio de jovens negros: estudo de caso da Chacina de Costa Barros na *Folha de S.Paulo*. *In: INTERCOM*, 1., Joinville- SC, 2018.

QUIRINO, Kelly; MOURA, Dione O. Enquadramentos midiáticos, interseccionalidade e o genocídio de jovens negros brasileiros: análise comparativa entre notícias e textos de opinião acerca da Chacina de Costa Barros, RJ, na *Folha de S.Paulo*. *Revista ECO-Pós/UFRJ*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, 2019.

RAMOS, Silvia *et al.* *Racismo, motor da violência: um ano da Rede de Observatórios da Segurança* – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Centro de Estudo de Segurança e Cidadania (CESeC), 2020.

Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroafroafro UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice